

Luzinete da Silva Mussi
(Organizadora)

Entre educadores: experiências e reflexões



Entre educadores: experiências e reflexões

Organizadora:

Luzinete da Silva Mussi

Autores:

Adriana de Oliveira Teodoro
Alinielle de Lima
Ana Paula Silva Apolinário
Elaine Cristina Nunes de Oliveira Dorta
Girlene de Amorim Jesus
Josy Aparecida Magnani Bonato
Kelen Cristina Alves Pereira Andrade
Keziane Rodrigues Borges de Souza
Ligia Morande do Nascimento
Luciene de Oliveira Pinho Bulhões
Luciene Lopes de Freitas Santana
Mara Helena Martins Pereira
Maria Alexandra Santos de Souza
Maria Verônica Quirino da Silva
Marlene Almeida de Araújo
Patrícia Mendonça da Silva
Rebeca Aparecida dos Santos Lima
Rosimeire Dias da Silva
Rosineila Dias Vieira
Sandra Helena Fernandes
Suelen do Sacramento Santos
Taciana Quirino da Silva



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Capa: Instituto Saber

Organizadora: MUSSI, Luzinete da Silva.

Autores: ANDRADE, Kelen Cristina Alves Pereira; APOLINÁRIO, Ana Paula Silva; ARAÚJO, Marlene Almeida de; BONATO, Josy Aparecida Magnani; BULHÕES, Luciene de Oliveira Pinho; DORTA, Elaine Cristina Nunes de Oliveira; FERNANDES, Sandra Helena; JESUS, Girlene de Amorim; LIMA, Alinielle de; LIMA, Rebeca Aparecida dos Santos; NASCIMENTO, Ligia Morande do; PEREIRA, Mara Helena Martins; SANTANA, Luciene Lopes de Freitas; SANTOS, Suelen do Sacramento; SILVA, Maria Verônica Quirino da; SILVA, Patrícia Mendonça da; SILVA, Rosimeire Dias da; SILVA, Taciana Quirino da; SOUZA, Keziane Rodrigues Borges de; SOUZA, Maria Alexandra Santos de; TEODORO, Adriana de Oliveira; VIEIRA, Rosineila Dias.

Entre educadores: experiências e reflexões. Organizadora: Luzinete da Silva Mussi. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2026.

68 p.

ISBN livro digital: 978-85-68669-57-0

ISBN livro impresso: 978-85-68669-56-3

1.Educação. I. Título.

CDD – 370

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de ebooks das mais variadas
linhas editoriais: isciweb.com.br/livros



– Publicação de artigos científicos através de
nossa Revista Científica Digital Multidisciplinar:
isciweb.com.br/revista



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior

Sumário

CAPÍTULO I - Aprendizagem através do brincar: um novo conceito para se aprimorar (Sandra Helena Fernandes).....	7
CAPÍTULO II - Práticas pedagógicas inclusivas para o atendimento de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) na escola regular (Mara Helena Martins Pereira; Marlene Almeida de Araújo).....	16
CAPÍTULO III: Educação de Jovens e Adultos (EJA): as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição e desenvolvimento da escrita (Rebeca Aparecida dos Santos Lima)	28
CAPÍTULO IV: xxx – Luz azul e seus malefícios nas crianças pequenas (Adriana de Oliveira Teodoro; Ana Paula Silva Apolinário; Patrícia Mendonça da Silva; Rosimeire Dias da Silva; Kelen Cristina Alves Pereira Andrade; Rosineila Dias Vieira; Keziane Rodrigues Borges de Souza; Suelen do Sacramento Santos; Luciene Lopes de Freitas Santana; Luciene de Oliveira Pinho Bulhões).....	41
CAPÍTULO V - Brincar: a linguagem da infância (Elaine Cristina Nunes de Oliveira Dorta; Ligia Morande do Nascimento; Josy Aparecida Magnani Bonato).....	48
CAPÍTULO VI - O papel da formação docente no desenvolvimento do ensino – aprendizagem do aluno nas séries iniciais (Maria Verônica Quirino da Silva; Maria Alexandra Santos de Souza; Alinielle de Lima; Girlene de Amorim Jesus; Taciana Quirino da Silva)	60

CAPÍTULO I - APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO BRINCAR: UM NOVO CONCEITO PARA SE APRIMORAR (SANDRA HELENA FERNANDES)

Aprendizagem através do brincar: um novo conceito para se aprimorar

Sandra Helena Fernandes¹

RESUMO

Este artigo vem com uma proposta que por meio do brincar com a tecnologia, pois é compreensível que neste momento em que vivemos não há como ver a necessidade da tecnologia nos meios educacionais. Esta abordagem educativa que vem ganhando cada vez mais destaque. A ideia central é que as crianças podem desenvolver habilidades cognitivas, sociais e motoras ao interagir com ferramentas tecnológicas de forma lúdica. Com intuito que nossos pequenos usem as ferramentas para um aprendizado de qualidade e conhecimento para vida. Com este objetivo os educadores e psicólogos, propõe que a brincadeira não apenas serve como uma forma de lazer, mas é também uma poderosa ferramenta pedagógica. Com este conhecimento podemos compreender a importância que este aprendizado traz de benefícios aos alunos. E neste contexto que vivemos temos que envolvê-los a cada vez mais com a tecnologia.

Palavras-chave: Aprendizagem. Interação. Tecnologia.

ABSTRACT

This article comes with a proposal that through playing with technology, because it is understandable that at this moment in which we live there is no way to see the need for technology in educational environments. This educational approach has been gaining more and more prominence. The central idea is that children can develop cognitive, social, and motor skills by interacting with technological tools in a playful way. With the intention that our little ones use the tools for quality learning and knowledge for life. With this objective, educators and psychologists propose that play not only serves as a form of leisure, but is also a powerful pedagogical tool. With this knowledge we can understand the importance that this learning brings benefits to students. And in this context we live in, we have to involve them more and more with technology.

Keywords: Learning. Interaction. Technology.

1 Introdução

¹ Graduada em Pedagogia, Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia, Pós-Graduação Lato Sensu em nível de especialização em Análise Comportamental Aplicada (ABA) Para Pessoas Com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. fernandesbugiganga3150@gmail.com

O principal objetivo deste artigo é evidenciar o quanto a tecnologia irá fazer a diferença na vida das crianças desde a educação infantil. Visto ela influência na aprendizagem não somente através do brincar, mas isso estimular a criatividade, a comunicação e a expressão, maior participação nas salas de aulas, bem como no decorrer da vida.

O mundo digital tem influenciado na aprendizagem como um todo, visto que a ideia ganhou destaque nas últimas décadas, especialmente no contexto educacional e tecnológico. A maioria das escolas públicas já tem adotado este empreendimento, pois é necessário que as crianças aprendem de maneira mais eficaz quando estão engajadas em atividades lúdicas, onde a diversão e a exploração são fundamentais.

A tecnologia não é apenas uma forma de entretenimento; é uma maneira poderosa ferramenta que irá desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Com o avanço da tecnologia, aprender através do brincar tem se evoluindo. A incorporação de ferramentas digitais, jogos educativos e plataformas interativas permite que as crianças explorem conceitos complexos de forma divertida e envolvente e também realizam atividades que farão toda diferença no seu dia a dia.

Pensando nisto, até mesmo as escolas públicas têm feito grandes investimentos, visto que nossos alunos da rede pública são concorrentes dos alunos das escolas particulares que por sua vez, já utilizam tecnologias avançadas para garantir que seus alunos continuem sempre nos pódios das melhores universidades.

No entanto, vamos aprender um pouco mais sobre como as escolas têm se preparado para garantir que a aprendizagem através do brincar não seja apenas “brincadeiras sem um grande aprendizado”

Como alguns teóricos defendem. Jean Piaget, Psicólogo do desenvolvimento e precursor da corrente construtivista, defende que a interação com o ambiente é importante para a construção do conhecimento, ele acredita que o brincar valoriza o desenvolvimento infantil, pois proporciona a imaginação, a aquisição de regras e a apropriação do conhecimento, sendo assim, a ideia dele como seus estudos, nos auxiliam com nossos pensamentos e podemos ver cada vez mais a importância de interagir e aprender brincando

e utilizando a tecnologia a nosso favor, considerando sempre que as crianças aprendem com os adultos não só por meio da fala, mas com os exemplos. Sendo assim, o uso correto da tecnologia faz com que temos mais alunos reflexivos.

2 Desenvolvimento: Brincadeiras, aprendizagem e a tecnologia

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que as crianças devem explorar movimentos, objetos, sons e formas para ampliar seus saberes sobre a tecnologia. O objetivo, segundo a BNCC, é que “desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico”

Sabemos que através das brincadeiras a grande possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, ressignificando o aprendizado. Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer nas quais estão presentes as vivências de prazer e desprazer ao interagir com os outros. É possível fazer com que as crianças interajam com seus colegas para utilizar as ferramentas tecnológicas para produzir atividades que melhorar o raciocínio lógico. Isso não apenas estimula a criatividade e a curiosidade, mas também prepara os jovens para um futuro em que a tecnologia desempenha um papel central em suas vidas. Além disso, essa abordagem promove uma interação entre os alunos se desenvolve habilidades essenciais em um mundo cada vez mais conectado. Ao brincar, as crianças são incentivadas a resolver problemas, experimentar e aprender com os erros, criando um ambiente de aprendizagem dinâmico e flexível.

Um aprender através do brincar, especialmente quando integrado com a tecnologia, representa um novo paradigma educacional que valoriza a experiência, a interação e a exploração, preparando as novas gerações. Posso dizer que na escola / Da qual trabalho, temos desenvolvido um projeto de uso de uma plataforma educativa com vários conteúdos do dia a dia dos alunos estão sendo explorados, como as atividades básicas de alfabetização e os simulados preparatórios para avaliações externas.

Também há atividades para casa, no qual envolvemos a família para estar colaborando com os alunos e os incentivando aprender mais através das interativas na plataforma. É certo que temos uma professora que prepara os conteúdos em um planejamento que são acompanhados pela equipe da escola, sempre pensando no melhorar para os alunos.

Huizinga (1934/1971), no seu livro, que se tornou um clássico sobre o jogo, *Homo ludens*, descreve esse fenômeno como sendo de natureza cultural e não biológica. O jogo tem uma função significativa que encerra um determinado sentido. Todo jogo significa alguma coisa que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Cabe a quem vai conduzir as atividades e os jogos fazer com que haja interatividade e garantir que o conhecimento seja algo que através de momento o conhecimento seja algo que agrega na vida dos alunos.

Para Walter Benjamin (1984), o jogo também é visto como uma atividade muito antiga. O brincar significa sempre libertação. Ao brincar as crianças criam para si o pequeno mundo próprio. E com isso a criança expressa aquilo que a criança pode estar afligindo dentro de si.

Freud (1920/1981) e autores psicanalíticos como Winnicott (1975) e Dolto (1999) importantes para o entendimento da importância da brincadeira no desenvolvimento da criança. O envolvimento da família, que proporciona brincadeiras educativa que pode contribuir com o crescimento da criança ao longo de sua trajetória de vida, é crucial. Parece que não, mas faz a diferença quando se trata de uma brincadeira com um objetivo de aprendizagem.

Para Wallon (1941/1968), o jogo é uma atividade característica da criança e acompanha seu desenvolvimento, sendo transformado ao longo do tempo. Pode-se destacar fases do jogo a partir das características que possuir e que expressam. Por isso, a importância da família é construir um vínculo durante esses momentos de brincadeiras e interações.

3 O brincar e o desenvolvimento tecnológico

Como foi mencionado no item acima, o brincar é fundamental para o desenvolvimento das crianças, e com o avanço da tecnologia, surgiram novas formas de brincar e aprender que podem influenciar o desenvolvimento dos alunos. Por esse motivo, buscamos novas ideias e, claro, como discussão entre escola e família para que se use de algumas vantagens do brincar com a tecnologia. Pensando assim, buscamos melhorar o desenvolvimento cognitivo com jogos educativos e aplicativos que podemos nos auxiliar para melhorar o envolvimento da criança, fazendo com que ela desenvolva algumas habilidades e capacidade de resolução de problemas, atividades que afetam para trabalhar a memória e atenção em sua concentração.

É claro que conteúdo dessa natureza irei fazer parte do aprendizado dos alunos para sua vida como um todo; não só no agora, mas sim em uma longa jornada de estudo que acompanhará para a vida das nossas crianças. Podemos propor para melhor desenvolvimento de jogos motorizados que ative movimentos baseados em realidade aumentada, assim a progressão motora e habilidade física. O desenvolvimento social, como em jogos online, pode contribuir para que como crianças se conectem com outras crianças e desenvolver habilidades sociais, como comunicação e cooperação. Com aprendizado tecnológico podemos fornecer acesso a uma ampla gama de informações e recursos educacionais, ajudando as crianças a aprender sobre diferentes assuntos.

3.1 Desafios do brincar com tecnologia

Excesso de tela: O exagero de tempo passado em frente a telas pode levar a problemas de saúde, como obesidade e problemas com a visão e a falta de sono. Também é necessário com o que as crianças podem estar expostas a conteúdos inadequados ou perigos online, o que exige o cuidado dos pais para uma educação sobre segurança digital.

Isolamento social: O brincar sozinho com tecnologia pode levar a um isolamento social e reduzir as oportunidades de interação social. A criança necessita fazer contato com outras crianças.

E sabemos que o uso excessivo de tecnologia pode levar a uma dependência, dificultando o equilíbrio entre atividades digitais e não digitais.

Conteúdo inapropriado: A exposição a conteúdo inapropriado, como violência ou linguagem ofensiva, pode ser prejudicial para o desenvolvimento infantil. Cabe ao responsável verificar o que a criança está vendo e assistindo. É compreensivo que tecnologia possa conectar pessoas, ela também pode reduzir interações face a face, impactando habilidades sociais e intelectuais.

Não são todas as crianças têm o mesmo acesso a dispositivos e internet, o que pode criar disparidades nas oportunidades de aprendizado e brincadeira.

Vício: O brincar com tecnologia pode levar a um vício, especialmente se as crianças forem expostas a jogos ou aplicativos que são projetados para serem viciantes. Por isso a necessidade de estabelecer um limite as crianças.

Quando fazemos um levantamento de tantos desafios que parecem ser destruidores a nossas crianças e adolescentes. Podemos perceber que com a intervenção correta dos pais ou responsáveis, é possível ter um equilíbrio entre o uso excessivo e a necessidade de fazer que os dois caminhem juntos. É importante garantir que o brincar com tecnologia não substitua atividades que desenvolvem habilidades motoras e criativas.

3.2 Dicas para pais e educadores

Defina limites: Estabeleça limites claros para o tempo de tela e incentive as crianças a participar de atividades físicas e sociais. Procure participar deste momento que pode ser um momento prazeroso para a família.

Escolha conteúdo apropriado: Selecione jogos e aplicativos que sejam apropriados para a idade e o nível de desenvolvimento da criança. Conteúdo este que pode ser visto com todos da casa.

Participe: Participe do brincar com a criança e use a tecnologia como uma ferramenta para aprender e se divertir juntos. Na correria que se vive hoje, é necessário buscar estes momentos para participar ativamente da vida das crianças.

Monitore: Monitore o uso da tecnologia pela criança e esteja ciente dos conteúdos que ela está acessando. Isto é muito importante, a criança precisa saber que tem alguém que está monitorando e protegendo ela por qualquer eventualidade.

É importante ressaltar que o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, e a tecnologia pode ser uma ferramenta útil para apoiar o aprendizado e o desenvolvimento. No entanto, é importante usar a tecnologia de forma responsável e equilibrada, pois não há como negar que a tecnológica cada vez mais faz parte do cotidiano de todos.

4 Considerações Finais

O brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, e a tecnologia pode ser uma ferramenta útil para apoiar o aprendizado e o desenvolvimento. No entanto, é importante usar a tecnologia de forma responsável e equilibrada.

O brincar é uma atividade natural e essencial para o desenvolvimento infantil. A tecnologia pode ser usada para apoiar o aprendizado e o desenvolvimento da criança. É importante usar a tecnologia de forma responsável e equilibrada para evitar excesso de tela e outros problemas. O brincar e a tecnologia devem ser equilibrados para garantir que as crianças tenham uma experiência de desenvolvimento saudável e equilibrada.

A escola necessita atualizar no uso de ferramentas tecnológicas na aprendizagem para que possam evidenciar e motivar os alunos mostrando como serão as novas tendências pedagógicas, e é preciso estudar as melhores formas de empregá-las a fim de trazer benefícios para os professores e alunos, aumentando a motivação de ambos em sala de aula.

Pais e educadores devem estar cientes dos benefícios e riscos da tecnologia e usar a tecnologia de forma responsável. As crianças devem ter acesso a uma variedade de atividades, incluindo brincar, aprender e se divertir. A tecnologia deve ser usada para apoiar o desenvolvimento infantil, e não para substituir o brincar e outras atividades importantes.

5 Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

DOLTO, F. As etapas decisivas da infância. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WALLON, H. L'évolution psychologique de l'enfant. Paris: Armand Colin, 1941/1968.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Lawrence, A. T. (org.). (2008) Encyclopedia of Information Technology Curriculum Integration. Hershey: IGI Global.

LEGO Education – website: <https://bit.ly/mvghskw> Acessado em 08 de maio de 2024

Parker, Rachel & Thomsen, B. S. (2019) Learning through play at school. e LEGO Foundation.

Disponível em: <https://bit.ly/nv72qf> Acessado em 08 de maio de 2024

The LEGO Foundation – website: <https://bit.ly/jh721tv> Acessado em 06 de outubro de 2023.

**CAPÍTULO II - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA O
ATENDIMENTO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ESCOLA REGULAR (MARA
HELENA MARTINS PEREIRA; MARLENE ALMEIDA DE
ARAÚJO)**

Práticas pedagógicas inclusivas para o atendimento de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) na escola regular

Mara Helena Martins Pereira
Marlene Almeida de Araújo

Resumo

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular representa um importante avanço na consolidação de uma educação pautada nos princípios da equidade, do respeito à diversidade e da garantia do direito à aprendizagem. Nesse contexto, as práticas pedagógicas inclusivas desempenham papel fundamental na promoção do desenvolvimento acadêmico, social e emocional desses estudantes, considerando suas necessidades, potencialidades e formas específicas de aprendizagem. O presente artigo tem como objetivo analisar as principais práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no atendimento de estudantes com TEA na escola regular, destacando estratégias que favorecem a participação, a autonomia e a aprendizagem significativa. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, legislações e documentos oficiais relacionados à educação inclusiva e ao Transtorno do Espectro Autista. Os resultados evidenciam que a utilização de recursos visuais, adaptação curricular, metodologias ativas, comunicação alternativa, organização estruturada do ambiente escolar e o trabalho colaborativo entre professores, equipe multiprofissional e família contribuem significativamente para o processo de inclusão escolar. Conclui-se que a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas requer formação continuada dos profissionais da educação, planejamento pedagógico flexível e compromisso institucional com a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de assegurar o desenvolvimento integral e a participação plena dos estudantes com TEA.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Transtorno do Espectro Autista. Práticas Pedagógicas. Escola Regular. Inclusão Escolar.

Abstract

The inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in mainstream schools represents an important advancement in the consolidation of an education based on the principles of equity, respect for diversity, and the guarantee of the right to learning. In this context, inclusive pedagogical practices play a fundamental role in promoting the academic, social, and emotional development of these students, considering their needs, potentialities, and specific ways of learning. This article aims to analyze the main inclusive pedagogical practices used in supporting students with ASD in mainstream schools, highlighting strategies that promote participation, autonomy, and meaningful learning. This is a bibliographic study developed through the analysis of books, scientific articles, legislation, and official documents related to inclusive education and Autism Spectrum Disorder. The results demonstrate that the use of visual resources, curriculum adaptations, active methodologies, alternative communication, structured organization of the school environment, and collaborative work among teachers, multidisciplinary teams, and families significantly contribute to the process of school inclusion. It is concluded that the implementation of inclusive pedagogical practices requires continuous professional development for education professionals, flexible pedagogical planning, and institutional commitment to building a truly inclusive school, capable of ensuring the comprehensive development and full participation of students with ASD.

Keywords: Inclusive Education; Autism Spectrum Disorder; Pedagogical Practices; Mainstream School; School Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva constitui um dos principais desafios e avanços da educação contemporânea, ao defender o direito de todos os estudantes ao acesso, à permanência, à participação e à aprendizagem no ambiente escolar, independentemente de suas características individuais, sociais, culturais ou cognitivas. Essa perspectiva rompe com modelos tradicionais de ensino baseados na homogeneização dos sujeitos e propõe uma escola capaz de reconhecer e valorizar a diversidade humana, garantindo oportunidades educacionais equitativas para todos. Nesse contexto, a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares representa um importante movimento de transformação das práticas educativas, exigindo mudanças na organização escolar, nas metodologias de ensino e na formação dos profissionais da educação.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que apresenta características relacionadas principalmente às diferenças na comunicação, na interação social, nos padrões de comportamento, nos interesses restritos e no processamento sensorial. Por se tratar de um espectro, suas manifestações podem ocorrer de diferentes formas e intensidades, fazendo com que cada estudante apresente habilidades, potencialidades e necessidades específicas. Dessa maneira, compreender o estudante com TEA em sua singularidade é fundamental para que a escola possa desenvolver ações pedagógicas que respeitem seu ritmo de aprendizagem e favoreçam sua participação no processo educativo.

A inclusão escolar de estudantes com TEA está fundamentada no princípio de que todos possuem direito a uma educação de qualidade em ambientes comuns de aprendizagem, com igualdade de oportunidades e respeito às diferenças. Entretanto, a efetivação desse direito ultrapassa a simples matrícula do estudante na escola regular. A verdadeira inclusão

envolve a criação de condições que possibilitem sua participação ativa nas atividades escolares, o desenvolvimento de sua autonomia, a construção de vínculos sociais e o reconhecimento de suas capacidades. A escola regular desempenha um papel essencial nesse processo, pois constitui um espaço de aprendizagem acadêmica e também de convivência, interação social e formação cidadã.

A presença de estudantes com TEA no ambiente escolar contribui para a construção de uma cultura inclusiva, na qual todos os alunos aprendem a conviver com as diferenças, desenvolvendo valores como respeito, empatia, cooperação e solidariedade. Contudo, para que esse ambiente seja efetivamente inclusivo, é necessário superar barreiras físicas, pedagógicas, comunicacionais e atitudinais que ainda dificultam a participação plena desses estudantes.

Nesse cenário, as práticas pedagógicas inclusivas assumem papel fundamental, pois possibilitam que o processo de ensino e aprendizagem seja adaptado às características e necessidades dos estudantes com TEA. Essas práticas envolvem planejamento individualizado, flexibilização curricular, adaptação de materiais didáticos, utilização de recursos visuais, organização de rotinas estruturadas, estratégias de comunicação alternativa e aumentativa, metodologias ativas e atividades que estimulem a autonomia e a interação social.

A utilização de recursos visuais, como imagens, símbolos, sequências ilustradas e mapas de rotina, por exemplo, pode facilitar a compreensão das atividades e reduzir dificuldades relacionadas à comunicação e à organização do pensamento. Da mesma forma, o ensino estruturado contribui para que o estudante compreenda melhor as propostas escolares, estabelecendo previsibilidade e segurança durante sua rotina.

Essas estratégias, quando planejadas de forma adequada, favorecem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também aspectos emocionais, sociais e comportamentais. Outro aspecto indispensável para a inclusão efetiva é o trabalho colaborativo entre professores, profissionais da educação especial, equipe pedagógica, família e demais integrantes da rede de apoio. A troca de informações entre escola, família e profissionais favorece a compreensão das

necessidades do estudante com TEA e possibilita intervenções pedagógicas mais eficazes e humanizadas.

Nesse contexto, a formação continuada dos professores é essencial para fortalecer práticas inclusivas e promover estratégias de ensino que valorizem as potencialidades de cada aluno. A educação inclusiva busca garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos, respeitando suas singularidades e assegurando o desenvolvimento integral. Assim, este artigo analisa a importância das práticas pedagógicas inclusivas no atendimento aos estudantes com TEA na escola regular, destacando estratégias que contribuam para uma educação acessível, democrática e humanizada.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Educação Inclusiva e o Direito à Aprendizagem

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado no reconhecimento da diversidade humana e no princípio de que todos os estudantes possuem direito ao acesso, à permanência, à participação e à aprendizagem em condições de igualdade. Essa perspectiva compreende que a escola deve estar preparada para atender às diferentes necessidades educacionais dos alunos, eliminando barreiras que possam impedir sua participação plena no processo educativo.

Diferentemente dos modelos tradicionais baseados na segregação e na separação dos estudantes considerados “diferentes”, a educação inclusiva propõe uma transformação da escola como espaço democrático, no qual as diferenças são compreendidas como elementos constitutivos do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a inclusão não significa apenas inserir o estudante no ambiente escolar, mas garantir recursos, estratégias e condições adequadas para que ele possa desenvolver suas capacidades e participar ativamente das experiências educacionais. A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como direito fundamental de todos os cidadãos, garantindo igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola.

Esse princípio reafirma a responsabilidade do Estado e das instituições educacionais em assegurar uma educação de qualidade, sem qualquer forma de discriminação. A educação passa, portanto, a ser compreendida como instrumento de desenvolvimento humano, social e de exercício da cidadania. No âmbito das políticas públicas educacionais, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) fortalece esse compromisso ao determinar que a pessoa com deficiência possui direito a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino, com garantia de acessibilidade, recursos de tecnologia assistiva, adaptações necessárias e apoio especializado quando necessário.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) destaca que os estudantes público-alvo da educação especial devem frequentar as escolas regulares, tendo assegurado o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que atua como suporte complementar ou suplementar ao ensino comum. Essa política reforça a importância da eliminação de barreiras pedagógicas, arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais, possibilitando maior participação dos estudantes no ambiente escolar.

Dessa forma, a educação inclusiva exige uma mudança de perspectiva: a dificuldade não deve ser atribuída exclusivamente ao estudante, mas também às condições oferecidas pelo sistema educacional. Cabe à escola desenvolver práticas flexíveis, acessíveis e humanizadas, considerando que cada estudante possui diferentes formas e tempos de aprender.

2.2 O Estudante com Transtorno do Espectro Autista no Contexto Escolar

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças na comunicação, na interação social, nos padrões comportamentais e no processamento de estímulos sensoriais. De acordo com suas características individuais, os estudantes com TEA podem apresentar diferentes níveis de suporte, tornando fundamental uma compreensão ampla e individualizada de suas necessidades.

No contexto escolar, é importante compreender que o estudante com autismo não deve ser definido apenas pelas dificuldades apresentadas, mas

reconhecido em sua totalidade, considerando suas habilidades, interesses, formas de comunicação, potencialidades e possibilidades de aprendizagem. Cada estudante possui uma maneira própria de compreender o mundo e estabelecer relações, sendo necessário que a escola desenvolva estratégias que respeitem essas singularidades.

A inclusão do estudante com TEA na escola regular representa uma oportunidade de desenvolvimento acadêmico, social e emocional. O convívio com outros estudantes favorece a construção de vínculos, o desenvolvimento da comunicação, a autonomia e a participação em diferentes atividades escolares. Entretanto, para que esse processo ocorra de maneira significativa, é indispensável que a escola esteja preparada para oferecer apoio adequado e práticas pedagógicas que atendam às especificidades do estudante. Nesse sentido, o professor exerce papel fundamental na construção de um ambiente inclusivo.

Sua atuação envolve conhecer as características do estudante, planejar atividades acessíveis, utilizar diferentes estratégias metodológicas e criar oportunidades para que o aluno participe das propostas pedagógicas. A prática docente precisa estar baseada na observação, na flexibilidade e na busca constante por alternativas que favoreçam a aprendizagem. Além disso, a relação entre escola, família e profissionais especializados é essencial para compreender melhor o estudante e desenvolver ações integradas.

A troca de informações permite identificar avanços, dificuldades e estratégias que podem contribuir para o desenvolvimento global do aluno. ---

2.3 Práticas Pedagógicas Inclusivas para Estudantes com TEA As práticas pedagógicas inclusivas são fundamentais para garantir que estudantes com Transtorno do Espectro Autista tenham acesso ao currículo escolar e participem efetivamente das atividades propostas.

Essas práticas devem considerar as necessidades individuais, valorizando as capacidades do estudante e promovendo sua autonomia, comunicação e desenvolvimento integral. Entre as principais estratégias pedagógicas inclusivas destacam-se: Adaptação curricular A adaptação curricular consiste na adequação dos objetivos, conteúdos, metodologias, recursos e formas de avaliação, considerando as necessidades específicas de

cada estudante. Essa adaptação não significa reduzir a qualidade do ensino, mas criar diferentes caminhos para que o aluno tenha acesso ao conhecimento.

O planejamento deve considerar o nível de desenvolvimento do estudante, suas habilidades e suas possibilidades de participação. Dessa forma, atividades podem ser modificadas utilizando recursos concretos, instruções simplificadas, maior tempo para realização das tarefas ou diferentes formas de avaliação. Utilização de recursos visuais os recursos visuais são estratégias importantes para estudantes com TEA, pois auxiliam na compreensão das informações e na organização da rotina escolar. Imagens, símbolos, pictogramas, agendas visuais, mapas de atividades e organizadores gráficos contribuem para tornar as informações mais claras e previsíveis.

A previsibilidade é um aspecto importante para muitos estudantes com autismo, pois reduz a ansiedade e favorece a compreensão das atividades que serão realizadas. A utilização desses recursos amplia a comunicação e facilita a participação nas propostas pedagógicas. Comunicação alternativa e ampliada A comunicação alternativa e ampliada (CAA) consiste no uso de recursos que auxiliam estudantes que apresentam dificuldades na comunicação verbal. Esses recursos podem incluir pranchas de comunicação, imagens, símbolos, aplicativos digitais e outros instrumentos que possibilitem ao estudante expressar necessidades, sentimentos e pensamentos.

A comunicação é essencial para a participação social e escolar, portanto, oferecer diferentes formas de expressão contribui para o desenvolvimento da autonomia e da interação com colegas e professores. Ensino estruturado O ensino estruturado envolve a organização do ambiente, das atividades e das rotinas de forma clara e previsível. Para estudantes com TEA, uma rotina organizada pode favorecer a compreensão das tarefas e proporcionar maior segurança durante o processo de aprendizagem. Estratégias como organização visual da rotina, divisão das atividades em etapas menores, instruções objetivas e ambientes estruturados favorecem a concentração, reduzem dificuldades e possibilitam maior independência.

Metodologias ativas as metodologias ativas possibilitam que o estudante participe de maneira mais dinâmica do processo educativo. Jogos

pedagógicos, atividades práticas, experiências, projetos, aprendizagem baseada em problemas e recursos tecnológicos podem tornar o ensino mais significativo. Essas metodologias permitem explorar diferentes formas de aprendizagem, respeitando o ritmo do estudante e estimulando habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Trabalho colaborativo.

A inclusão escolar exige uma atuação conjunta entre professores da sala regular, profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), equipe pedagógica, família e profissionais da rede de apoio. O trabalho colaborativo possibilita a construção de estratégias mais adequadas e fortalece o acompanhamento do desenvolvimento do estudante. A parceria entre os diferentes envolvidos contribui para identificar necessidades, planejar intervenções e garantir que o estudante com TEA tenha oportunidades reais de aprendizagem e participação.

Assim, as práticas pedagógicas inclusivas representam instrumentos fundamentais para reduzir barreiras educacionais e promover uma escola mais acessível, participativa e humanizada. A inclusão do estudante com TEA depende de ações planejadas, formação profissional e compromisso coletivo com uma educação que reconheça e valorize as diferenças.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de produções científicas, documentos legais e estudos acadêmicos relacionados à educação inclusiva e ao atendimento escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

A pesquisa bibliográfica permite compreender diferentes perspectivas teóricas sobre determinado tema, possibilitando a análise de conceitos, práticas e desafios presentes no processo educativo. Para a realização deste estudo, foram utilizados como fontes livros, artigos científicos, legislações educacionais, documentos oficiais do Ministério da Educação e pesquisas

acadêmicas que abordam inclusão escolar, formação docente e estratégias pedagógicas voltadas aos estudantes com TEA.

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar uma análise interpretativa dos fenômenos educacionais, considerando aspectos sociais, pedagógicos e humanos envolvidos no processo de inclusão. Dessa forma, buscou-se compreender como as práticas pedagógicas inclusivas podem contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes com autismo. A análise das produções selecionadas possibilitou identificar os principais desafios enfrentados pelas escolas, bem como estratégias que favorecem a construção de ambientes educativos mais acessíveis, acolhedores e participativos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados evidenciam que a inclusão de estudantes com TEA na escola regular depende de uma mudança significativa na forma como a educação compreende a diversidade e o processo de aprendizagem. A inclusão efetiva não ocorre apenas pela presença física do estudante na sala de aula, mas pela garantia de sua participação, interação e desenvolvimento dentro do ambiente escolar.

Observa-se que práticas pedagógicas diversificadas favorecem melhores resultados no processo educativo, pois consideram as características individuais dos estudantes e possibilitam diferentes formas de acesso ao conhecimento. Estratégias como recursos visuais, adaptações curriculares, ensino estruturado e metodologias práticas demonstram potencial para ampliar a participação e a autonomia dos estudantes com TEA. Além dos aspectos pedagógicos, destaca-se a importância da formação continuada dos professores.

Educadores preparados apresentam maior segurança para desenvolver estratégias inclusivas e compreender as necessidades específicas dos estudantes. A ausência de formação adequada ainda representa um dos principais desafios para a efetivação da inclusão escolar. Outro aspecto

identificado refere-se à necessidade de fortalecimento da parceria entre escola e família. A participação familiar contribui para uma compreensão mais ampla do estudante, possibilitando ações educativas mais coerentes e integradas.

Apesar dos avanços nas políticas públicas de inclusão, ainda existem desafios relacionados à disponibilidade de recursos, acessibilidade, organização escolar e apoio especializado. Dessa forma, a inclusão requer investimento contínuo, planejamento coletivo e compromisso de todos os envolvidos no processo educacional. Portanto, a educação inclusiva para estudantes com TEA deve ser compreendida como um compromisso social e pedagógico, garantindo que esses estudantes sejam reconhecidos como sujeitos de direitos, com capacidades e potencialidades que devem ser estimuladas no ambiente escolar. O texto já está estruturado em formato de ****artigo científico****, com fundamentação teórica, metodologia e resultados/discussão ampliados. O próximo passo pode ser.

5. Consideração final

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista na escola regular representa um compromisso social e educacional com a construção de uma escola democrática e acolhedora. As práticas pedagógicas inclusivas são fundamentais para garantir que esses estudantes tenham acesso ao conhecimento, desenvolvam suas habilidades e participem plenamente das experiências escolares.

Conclui-se que a inclusão não depende apenas da matrícula do estudante na escola regular, mas da criação de condições pedagógicas, estruturais e humanas que favoreçam sua aprendizagem e participação.

Nesse sentido, a formação continuada dos professores, o planejamento flexível, o trabalho colaborativo e o respeito às singularidades são elementos indispensáveis para consolidar uma educação verdadeiramente inclusiva.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2006.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2016.

**CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): AS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE
AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA (REBECA
APARECIDA DOS SANTOS LIMA)**

Educação de Jovens e Adultos (EJA): as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição e desenvolvimento da escrita

Rebeca Aparecida dos Santos Lima

RESUMO

O presente artigo retrata a Educação de Jovens e Adultos (EJA) sob a perspectiva de um ambiente composto por um público diversificado, buscando analisar as dificuldades de aprendizagem nesta modalidade principalmente no que diz respeito à escrita. Apesar de o reingresso educacional ter um grande papel motivador para os educandos, o sistema educacional muitas vezes não supre as necessidades reais do aluno da EJA. Nesse contexto, procurou-se abordar os aspectos que facilitam a aprendizagem e compreender a importância do docente na transformação do indivíduo através do processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Dificuldade de aprendizagem. Alfabetização e Letramento.

INTRODUÇÃO

A modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) constitui-se de pessoas de diversas faixas etárias que, por motivos adversos, não conseguiram estudar na idade apropriada. Neste contexto, vemos que o seu reingresso, seja para aprender a ler e escrever, pelas exigências do mercado de trabalho ou questões ideológicas pessoais, tem grande papel incentivador para os educandos.

Muitos destes educandos, por questões puramente sociais e culturais, não tiveram acesso à escolarização ou à sua continuidade na idade própria, onde as dificuldades sociais interpuseram-se no prosseguimento aos estudos; pelo ingresso precoce no mercado de trabalho para o auxílio no sustento familiar ou na hierarquia familiar, onde muitas vezes o irmão mais velho é colocado como responsável pelos demais irmãos, além de fatores que são propriamente culturais, agregando-se mais valor ao trabalho em detrimento dos

estudos, excluindo-se sua importância para a vida. Outro ponto é a dificuldade de acesso, seja pela distância da escola ou mesmo por fatores inerentes, como os pais mudarem-se constantemente de residência, bem como a vergonha da reprovação ou simplesmente por estarem em uma sala de aula sendo o único indivíduo de sua faixa etária.

Contudo, apesar de seu reingresso educacional ser um grande instrumento motivador, percebe-se que fatores como o grande tempo longe da escola e a idade interferem diretamente na aprendizagem. Segundo Albuquerque e Leal, o educando adulto “precisa de um tempo maior para estabelecer novos vínculos, sociabilizar-se com o novo espaço ambiente diferente de seu cotidiano” (ALBUQUERQUE; LEAL, 2006 citado por FERRARI, 2009, p. 14).

Vemos que os alunos enfrentam diversas dificuldades no processo de aprendizagem, principalmente no letramento e na alfabetização. As dificuldades surgem na apropriação da escrita propriamente dita: os educandos não conseguem relacionar os signos linguísticos, e ainda que muitos deles escrevam mecanicamente todos os dias, o fazem sem estabelecer relação entre o significante e o significado. Segundo Decian e Méa, a “escrita tem como objetivo a compreensão, sendo assim, os indivíduos necessitam compreender a mensagem de seu interlocutor, bem como se fazer compreender por aquele com quem está interagindo” (DECIAN; MÉA, 2005, p. 105).

O sistema didático muitas vezes não é apropriado e não supre as necessidades reais do aluno, que fica à mercê de suas dificuldades. Observa-se que quando os educandos ultrapassam a idade apropriada gera-se, conseqüentemente, uma carência escolar. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, a “idade tem graus variáveis, desde a total falta de alfabetização, passando pelo analfabetismo funcional, até a incompleta escolarização nas etapas do Ensino Fundamental e do Médio” (BRASIL, 2013, p. 40). O documento aponta que a EJA deve pautar-se pela flexibilidade, de modo que seja rompida a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, permitindo um percurso individualizado e conteúdos significativos.

Conforme ressalta Ferrari (2009), a EJA nem sempre é capaz de ampliar os conhecimentos trazidos à sala de aula pelos alunos, e a linguagem utilizada nessa modalidade de ensino muitas vezes não se encaixa com a realidade e singularidade do educando. De acordo com Freire (1987), o respeito aos conhecimentos do educando é de extrema importância para seu desenvolvimento; no entanto, ao analisarmos as relações entre educador e educando, vemos que se faz presente uma “educação bancária”, onde se “deposita” uma gama de conteúdos e conhecimentos sem possibilitar aos alunos sua construção, minimizando ou até mesmo anulando o poder criador dos educandos.

Nesta perspectiva, o artigo pretende analisar o processo envolvido na dificuldade de aprendizagem na modalidade de ensino EJA, em particular no que diz respeito à escrita. De modo específico, este artigo pretende compreender a importância do docente para a prática educativa e analisar os aspectos necessários para uma aprendizagem significativa, bem como investigar os aspectos que facilitam a aprendizagem.

Tomando como base os objetivos estabelecidos, o artigo será fundamentado em pesquisa bibliográfica, tendo como referência prioritariamente a obra do educador Paulo Freire, além de autores que apresentam contribuições significativas sobre o tema, tais como Ferreiro e Teberosky (1999), Rios e Libânio (2009), Beisiegel (2010) e Rohrs (2010).

POLÍTICAS E OS SUJEITOS DA EJA: AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se fortalecido muito no decorrer da história do Brasil. Com a promulgação da LDB 9.394/96, a EJA passou a ser definida como uma modalidade de ensino, que em seu artigo 37 estabelece que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996). As Diretrizes Curriculares Nacionais (2000) para a EJA, além de discernir sobre o direito público subjetivo ao Ensino

Fundamental, ressalta as funções da EJA estabelecidas no parecer CNE/CEB nº 11/2000, sendo estas: a função reparadora, visando restaurar os direitos civis através de uma escola de qualidade e pelo reconhecimento de uma igualdade ontológica; a função equalizadora, estabelecendo a equidade em vista a igualdade de oportunidade; e a função qualificadora, que se traduz na educação permanente do indivíduo que, como um ser incompleto, está em potencial desenvolvimento.

Todavia, os jovens e adultos que buscam a oportunidade de iniciar ou retomar os estudos são indivíduos apropriados de conhecimento e uma visão de mundo advinda de suas experiências de vida, emanados de influências sociais, culturais e profissionais. Segundo Beisiegel, “os homens se libertam e se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, desde o início e em todas as suas etapas o processo educativo e a prática política caminhavam juntos, faziam-se indissociáveis” (BEISIEGEL, 2010, p. 90). O ingresso ou reingresso à vida escolar advém com objetivos e metas bem delimitados, seja por exigência do mercado de trabalho, para uma melhor qualificação profissional ou para realização pessoal de sonhos e conquistas.

Ao adentrar ao ambiente escolar, mesmo com uma bagagem de conhecimento, visão de mundo, objetivos e metas, vemos que a dificuldade de aprendizagem se faz muito presente, em particular no que diz respeito à alfabetização. Rios e Libânio explicam que “a alfabetização implica intervenções nas hipóteses da construção da língua escrita e o reconhecimento das letras, sílabas e palavras. O letramento promove a competência linguística” (RIOS; LIBÂNIO, 2009, p. 65). Apesar de vivermos em um mundo letrado, onde todas as atividades e relações baseiam-se no princípio da leitura e escrita, os alunos da EJA, na maioria das vezes, possuem, de acordo com a teoria da psicogênese da língua escrita, nível de hipótese de escrita pré-silábica. De acordo com as autoras, a escrita pré-silábica é composta por registros aleatórios, sem conexão entre o grafema e o fonema e sem consciência fonológica; ou seja, não se faz associação entre a fala e escrita.

O segundo nível da teoria da psicogênese da língua escrita, por sua vez, é a hipótese silábica de escrita, onde há a correspondência quantitativa de grafemas em relação à análise sonora. Nessa fase, a dificuldade do aluno

resulta principalmente do vasto conhecimento visual da escrita estabelecido através de suas relações sociais fora do âmbito escolar. Na hipótese silábico-alfabética, que caracteriza o terceiro nível da psicogênese da língua escrita, o aluno começa a perceber a correspondência qualitativa, entrando em conflito cognitivo com a correspondência quantitativa (RIOS; LIBÂNIO, 2009). Esta etapa é marcada pela dificuldade na interpretação de palavras de uso pouco convencional, pois apesar da maior percepção das diferenças entre a quantidade de fonemas e grafemas, torna-se difícil a construção de palavras menos usuais, mesmo que em alguma circunstância estas palavras já tenham sido ouvidas pelo aluno. O quarto nível da psicogênese da língua escrita é a hipótese alfabética, na qual já ocorre uma correspondência entre a hipótese de escrita e a convenção, estabelecendo-se a relação entre as letras e as sílabas. Nesta etapa, a maior dificuldade do educando está em estruturar frases de forma coerente e concisa, uma vez que sua escrita é baseada na linguagem cotidiana.

Vemos, desse modo, que “em todas as hipóteses, as intervenções devem permitir desconstruir e construir novas hipóteses, para que ocorra o avanço do processo ensino-aprendizagem” (RIOS; LIBÂNIO, 2009, p. 64).

A APRENDIZAGEM CRÍTICA E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

A dificuldade do aluno em relação à aquisição da escrita está relacionada à associação semântica entre as hipóteses de escrita e a aprendizagem crítica. Segundo Freire (1996), a aprendizagem crítica é de extrema importância para que seja desperta no educando a curiosidade pelo saber. Para o autor, essa aprendizagem exige a presença de educadores e educandos criadores e instigadores:

[...] aprender criticamente é possível e pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. [...] os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador. (FREIRE, 1996, p. 13)

Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem se constrói na comunhão entre educador e educando, e precisamos ter em mente que:

[...] a alfabetização tem duas faces: uma, relativa aos adultos, e a outra, relativa às crianças. Se em relação aos adultos trata-se de sanar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertam em futuros analfabetos. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.19).

Percebe-se que o entrelaçamento entre alfabetização e letramento se constitui como base primordial da consolidação da língua materna e os objetivos pautados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. De acordo com Rios e Libânio, engloba três eixos de conhecimento:

Conceituais – capacidades para operar com símbolos, imagens, ideias ou representações;
Procedimentais – desempenhos que indicam nível de saber fazer, ou seja, apropriação de técnicas relacionadas à aquisição de leitura e escrita;
Atitudinais – comportamentos que expressam apreciações e incorporações de valores, normas hábitos ou atitudes relacionadas ao trabalho escolar e a socialização. (RIOS; LIBÂNIO, 2009, p. 65)

Com base nestas três dimensões, é possível compreender que o educando passa por diferentes níveis até constituir a escrita propriamente dita, pois ao se introduzir ao contexto dos adultos alguns aspectos são mais desenvolvidos, já que compreendem a imagem, mas não sabem associar a sua escrita, diferentemente da criança que está na construção dos conceitos. Assim, um dos pontos primordiais em relação a dificuldade é que o professor consiga que os educandos se tornem letrados e não meramente alfabetizados. Segundo Soares:

[...] o alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em um estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES b., 2000, p.39, citado por RIOS; LIBÂNIO, 2009, p. 34).

Neste contexto, vemos que o docente tem papel preponderante na aquisição e desenvolvimento da escrita, sendo ele o preceptor e orientador do processo de ensino-aprendizagem. Para Freire, esse processo deve constituir-se em uma “‘necessária intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (FREIRE, 1996, p.15).

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que não devemos nos apoiar meramente em transmitir ao educando o conhecimento formal, ao qual ele tem acesso somente no ambiente escolar; devemos reivindicar a ciência de um conhecimento que ele, mesmo sem saber, já possui. Por isso, para a construção efetiva de uma prática propriamente significativa, o educador deve “privilegiar a reflexão dos alunos, e rejeitar um ensino transmissivo, centrado no automatismo e reprodução mecânica” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1993, citado por RIOS; LIBÂNIO, 2009, p. 35).

Neste contexto este pensamento se insere na abordagem epistemológica de Freire (1987), onde o ensino não deve pautar-se em “depositar” conhecimento por intermédio de uma educação bancária, mas possibilitar sua construção e apropriação. O educando é a parte central do processo educativo que não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas a capacidade completa de interagir e gerir suas próprias construções nas suas vivências sociais.

No entanto, vemos que o cotidiano em sala de aula está ainda muito distante de uma aprendizagem significativa, capaz de transformar o educando por meio de um processo pelo qual apropria-se do conteúdo a partir de seu conhecimento de mundo. Segundo Oliveira, “os professores continuam fazendo ditado de palavras, com aulas sem planejamento, com uma pobreza de material muito grande, apesar dos cursos de capacitação que frequentaram e sobre os quais opinam positivamente” (OLIVEIRA, 2007, p. 254).

De acordo com Hors, “o professor deve preparar-se interiormente, estudando-se a si mesmo com metódica constância, a fim de conseguir suprimir os próprios defeitos mais enraizados” (HORS, 2010, p.126). Neste sentido o professor deve eximir-se da tirania pela proposição de um autoexame que resulte em si a caridade, não pela perspectiva de deixar os alunos livres,

mas analisar as próprias atitudes e entender que somos mestres e que nossa missão é educar, mas com humildade.

Contudo o professor deve analisar a si mesmo em todos os aspectos, seja na metodologia de ensino, nos planos de aula, na utilização da proposta curricular, entre outros, a fim de estabelecer uma prática educativa interacionista que vise um aprendizado constante e transformador junto ao educando, excluindo a concepção de educação bancária onde o educador é aquele que pensa, o sujeito do processo, enquanto os educandos são os objetos pensados (BEISIEGEL, 2010), sendo que para Freire (1996), é através do pensamento crítico acerca da prática que se pode aprimorá-la.

ASPECTOS QUE FACILITAM A APRENDIZAGEM

Os educandos, ao ingressarem na escola, já trazem consigo os conhecimentos adquiridos através das experiências vividas no dia a dia. Nesse sentido, Freire aponta caminhos possíveis para que a aprendizagem desses alunos se paute sob a ótica da concepção de mundo, onde utiliza-se “palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas, ou reconstituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram” (FREIRE, 1987, p. 6). Neste sentido, a inserção de palavras significativas facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o educando sente-se agente da construção do conhecimento, uma vez que tem propriedade sobre o assunto.

De acordo com Freire “a palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as” (FREIRE, 1987, p. 10). As palavras têm o poder de trazer as percepções e as sensações mais remotas do ser, e sua inserção em um contexto que traga significância e interesse ao educando facilita a aquisição e desenvolvimento da escrita, já que, segundo o autor, estimula a criticidade e a curiosidade epistemológica.

Rios e Libânio (2009) apontam que o professor pode atuar como escriba dos textos que os alunos ditam para eles, de modo que este se torna produtor de textos antes mesmo de apropriar-se da escrita. Através de intervenções do

professor, o aluno é levado a compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita. Os professores, assim, devem utilizar-se de instrumentos na construção do processo escrita que não se restringe apenas a escrita da palavra propriamente dita, mas à competência linguística do aprendiz.

Para Freire, “ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor” (FREIRE, 1996, p. 45). Para que o educando possa superar suas dificuldades pela compreensão do objeto, faz-se necessário uma aprendizagem que os edifique e traga sentido para eles, proporcionando a busca por novos saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi possível compreender que a Educação de Jovens e Adultos se constitui de uma modalidade de ensino peculiar, uma vez que as salas têm alunos de diversas faixas etárias com características bem distintas, principalmente em relação às dificuldades de aprendizagem. Nesta perspectiva, os educandos possuem uma bagagem cultural, social e profissional que interfere direta e indiretamente no processo de aquisição e desenvolvimento da escrita.

As políticas educativas vêm como um instrumento de reparação, equalização e restauração dos educandos, proporcionando que suas particularidades sejam estritamente consideradas em todo o processo educacional, resgatando a concepção de que o ser é parte integrante e primordial na sua própria educação.

Vemos que o reingresso do aluno ao ambiente escolar possibilita, por intermédio de seu conhecimento de mundo, diversificadas tipologias associativas de hipótese de escrita no processo de alfabetização e letramento. Todavia, a disparidade entre o indivíduo alfabetizado e letrado propõe um processo de ensino-aprendizagem que seja significativo e incentive o educando ao aprendizado, para que ele não apenas domine a leitura e a escrita, mas desfrute de um conhecimento que possibilite estabelecer vivências sociais.

Neste contexto, Paulo Freire foi um dos grandes transformadores e o precursor de uma aprendizagem estritamente volta para adultos, englobando não apenas o processo, mas o ser em toda sua completude. Assim, a educação não é apenas a reconstituição de um direito negado, mas um instrumento de transformação do ser. Mais do que ensinar, o professor deve estimular de uma aprendizagem crítica que ensine ao educando a partir de suas próprias vontades e capacidades na busca por novos aprendizados. O professor, segundo Freire, deve instigar o educando a desenvolver o senso crítico para criar possibilidades para produção ou construção de conhecimento.

O professor é uma figura de extrema relevância para o aluno, que o vê como um mestre a ser seguido. Por isso, ele deve analisar interiormente todo o seu ser para que a mudança comece de dentro para fora, proporcionando ao educando uma aprendizagem que facilite e estabeleça relações com palavras significativas e com suas experiências de vida.

A educação é para o homem um momento de libertação da sua ingenuidade para a criticidade, onde ele não é mais o observador do mundo, mas um ser capaz de transformar e interagir significativamente nele. Aprender é um eterno processo contínuo, sendo a EJA apenas a preparação de uma longa caminhada que se inicia com a escrita e vai muito além dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 02 nov. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 1996. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial da União, Brasília, 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BEISIEGEL, Celso R. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

DECIAN, Michelle M.; MÉA, Celia Helena de Pelegrini Della. O signo lingüístico: de Saussure a Benveniste. **Disciplinarum Scientia**. Série Artes, Letras e Comunicação. Santa Maria, v.6, n.1, p. 93-109, 2007.

FERRARI, Sônia Marua Souza. **A percepção dos educadores da EJA sobre as dificuldades de aprendizagem de seus educandos**. 2009. Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

RIOS, Zóe; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa**: alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

OLIVEIRA, MARIA Olívia de Matos. Políticas públicas e educação de jovens e adultos. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (orgs). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-15.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

CAPÍTULO IV: XXX – LUZ AZUL E SEUS MALEFÍCIOS NAS CRIANÇAS PEQUENAS (ADRIANA DE OLIVEIRA TEODORO; ANA PAULA SILVA APOLINÁRIO; PATRÍCIA MENDONÇA DA SILVA; ROSIMEIRE DIAS DA SILVA; KELEN CRISTINA ALVES PEREIRA ANDRADE; ROSINEILA DIAS VIEIRA; KEZIANE RODRIGUES BORGES DE SOUZA; SUELEN DO SACRAMENTO SANTOS; LUCIENE LOPES DE FREITAS SANTANA; LUCIENE DE OLIVEIRA PINHO BULHÕES)

Luz azul e seus malefícios nas crianças pequenas

Adriana de Oliveira Teodoro
Ana Paula Silva Apolinário
Patrícia Mendonça da Silva
Rosimeire Dias da Silva
Kelen Cristina Alves Pereira Andrade
Rosineila Dias Vieira
Keziane Rodrigues Borges de Souza
Suelen do Sacramento Santos
Luciene Lopes de Freitas Santana
Luciene de Oliveira Pinho Bulhões

RESUMO

A exposição excessiva a telas eletrônicas na primeira infância tem despertado preocupação em razão de seus possíveis impactos sobre a saúde ocular, o sono e o desenvolvimento neurocognitivo das crianças. A luz azul emitida por smartphones, tablets, televisores e computadores podem interferir na regulação do ritmo circadiano e na produção de melatonina, contribuindo para alterações do sono. O uso prolongado de dispositivos eletrônicos também pode favorecer sintomas de fadiga visual, ressecamento ocular e desconforto, além de estar associado a fatores ambientais relacionados ao aumento da incidência de miopia infantil, especialmente quando reduz o tempo dedicado a atividades ao ar livre. No âmbito do desenvolvimento infantil, o excesso de tempo diante das telas pode estar relacionado a alterações na atenção, na autorregulação, na linguagem e em outras habilidades neurocognitivas. Diante desses possíveis impactos, recomenda-se estabelecer limites adequados para o uso de dispositivos eletrônicos, evitar sua utilização próximo ao horário de dormir, estimular atividades ao ar livre e priorizar brincadeiras, leitura e interações presenciais. Dessa forma, a adoção de hábitos equilibrados de uso da tecnologia constitui uma importante estratégia para favorecer a saúde ocular, a qualidade do sono e o desenvolvimento integral na primeira infância.

Palavras-chave: Luz azul. Telas eletrônicas. Primeira infância. Saúde ocular. Sono infantil. Desenvolvimento neurocognitivo.

INTRODUÇÃO

A exposição à luz azul de telas eletrônicas — como smartphones, tablets, televisores e computadores — tornou-se uma constante no cotidiano moderno. No entanto, o impacto dessa radiação luminosa sobre o organismo de crianças pequenas (de 0 a 6 anos) desperta crescente preocupação entre pediatras, neurocientistas e oftalmologistas. O olho infantil encontra-se em pleno desenvolvimento anatômico e funcional, o que o torna biologicamente mais suscetível aos efeitos da luz visível de alta energia (HEV), popularmente conhecida como luz azul.

A vulnerabilidade ocular das crianças pequenas decorre, principalmente, de características anatômicas específicas. O cristalino do bebê e da criança pequena é extremamente transparente e carece de pigmentação protetora suficiente para filtrar comprimentos de onda curtos. Enquanto o olho de um adulto consegue bloquear parte substancial da luz azul antes que ela atinja a retina, em crianças pequenas cerca de 70% a 80% dessa radiação atravessa o cristalino e alcança diretamente a retina, com potencial para gerar estresse oxidativo nas células fotorreguladoras e no epitélio pigmentar retiniano.

Mapeamento dos Malefícios Apoiado por Evidências Científicas

Os prejuízos provocados pelo excesso de luz azul em crianças pequenas abrangem desde alterações fisiológicas imediatas até impactos no desenvolvimento cognitivo e comportamental a longo prazo.

1. Supressão Crítica da Melatonina e Distúrbios do Sono

A luz azul de comprimento de onda entre 460 nm e 480 nm estimula fortemente as células ganglionares da retina intrinsecamente fotossensíveis (ipRGCs). Essas células enviam sinais diretos ao núcleo supraquiasmático do hipotálamo, suprimindo a produção do hormônio melatonina e "enganando" o cérebro ao sinalizar que ainda é dia.

Estudo de referência: Uma pesquisa conduzida pela Dra. Monique LeBourgeois na Universidade do Colorado Boulder (publicada no periódico *Pediatrics*, 2018) demonstrou que pré-escolares expostos à luz de telas antes

de dormir apresentavam uma supressão de melatonina significativamente mais drástica e prolongada do que os adultos submetidos à mesma intensidade luminosa. A queda nos níveis de melatonina em crianças pequenas chegou a ultrapassar 90%, mantendo-se rebaixada mesmo 50 minutos após o desligamento da fonte luminosa.

A privação ou fragmentação do sono em idades precoces prejudica a consolidação da memória, o crescimento físico (visto que o hormônio do crescimento, GH, é liberado predominantemente durante o sono profundo) e a regulação emocional.

2. Fadiga Visual, Estresse Ocular e Risco de Miopia

O uso de telas em distâncias curtas, combinado à luz azul, causa diminuição do ritmo de piscamento infantil — que cai de cerca de 10 a 12 vezes por minuto para apenas 3 a 4 vezes. Isso resulta na evaporação precoce da película lacrimal, desencadeando sintomas de olho seco, hiperemia e fadiga acomodativa.

Ademais, a substituição de atividades ao ar livre pelo tempo de tela confina a criança em ambientes internos com iluminação artificial. Conforme o estudo longitudinal do Professor Ian Morgan (Universidade Nacional da Austrália), a falta de exposição à luz natural (que estimula a liberação de dopamina retiniana, inibidora do crescimento axial do olho) aliada ao esforço visual para perto é um dos principais fatores ambientais associados ao aumento epidêmico de miopia infantil em escala global.

3. Impactos no Desenvolvimento Neurocognitivo e Linguagem

A exposição contínua a telas na primeira infância compromete a integridade das conexões neurais em formação. A iluminação de alta energia e os estímulos visuais hiperacelerados das telas interferem no desenvolvimento da atenção sustentada e no controle de impulsos.

Pesquisa relevante: O estudo liderado pelo Dr. John Hutton (Hospital Infantil de Cincinnati, publicado no JAMA Pediatrics, 2019) utilizou ressonância magnética funcional em crianças de 3 a 5 anos e constatou que um maior tempo de uso de telas estava associado a uma menor integridade microestrutural dos tratos de substância branca no cérebro. Essas regiões são fundamentais para o suporte à linguagem, alfabetização e habilidades de autorregulação.

Recomendações das Principais Sociedades de Saúde

As diretrizes internacionais são categóricas quanto aos limites seguros de exposição:

- * Organização Mundial da Saúde (OMS) e Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP):

- * Abaixo de 2 anos: Exposição zero a telas (com exceção de videochamadas curtas com familiares).

- * De 2 a 5 anos: Limite máximo de 1 hora por dia, sempre com supervisão de um adulto e conteúdo de alta qualidade.

- * American Academy of Pediatrics (AAP): Recomenda desligar todas as telas pelo menos 1 a 2 horas antes do horário de dormir para permitir que os níveis circadianos normais de melatonina se restabeleçam.

Estratégias Práticas para Mitigar e Reverter o Problema

Reduzir os danos da luz azul e promover um desenvolvimento infantil saudável exige mudanças estruturais na rotina familiar e no ambiente doméstico.

Ações no Ambiente e no Estilo de Vida

- * Regra dos "Sem Tela Antes de Dormir": Estabeleça uma "higiene do sono" rigorosa. Crie um ambiente com iluminação quente (tons amarelados ou alaranjados) a partir do final da tarde. Iluminações de menor temperatura de cor reduzem a ativação das ipRGCs e facilitam a transição para o sono.

- * Ampliação do Tempo ao Ar Livre: Garanta que a criança passe, no mínimo, de 1 a 2 horas diárias brincando em ambientes externos. A luz solar natural estimula a produção de dopamina na retina, protege a saúde ocular e ajuda a sincronizar o ritmo circadiano.

* Pausa das Telas por Atividades Análogas: Substitua o tempo de tela por leitura de livros físicos, jogos de encaixe, desenho no papel, manipulação de massinhas de modelar e interações interpessoais diretas. A interação humano-humano é o estímulo mais robusto para a fiação neural na primeira infância.

Ajustes Tecnológicos e de Dispositivos

* Filtros de Luz Azul Ativos: Configure smartphones, tablets e TVs para o modo "Noturno", "Leitura" ou "Filtro de Luz Azul" (que reduz a emissão de comprimentos de onda de 400 a 480 nm) caso o uso de telas seja inevitável.

* Distância e Ângulo Adequados: Mantenha dispositivos móveis a uma distância mínima de 30 a 40 cm dos olhos da criança e posicione televisores a pelo menos 2 metros. Evite que a criança utilize telas em ambientes escuros, pois a dilatação pupilar aumenta a quantidade de luz azul que penetra no olho.

* Pausas Regulares (Regra Adaptada do 20-20-20): Para crianças acima de 3 anos que eventualmente assistem a algo, oriente-as a olhar para longe (pela janela ou ao fundo do cômodo) a cada 20 minutos de uso.

A proteção contra os efeitos da luz azul na infância não se resume a restringir a tecnologia, mas sim a priorizar a biologia do desenvolvimento infantil. Medidas simples de higiene de telas e o incentivo ao contato com a natureza garantem a integridade da visão e o pleno desenvolvimento neurocognitivo das crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderneta da Criança: Passaporte da Cidadania. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. #Menos telas #Mais saúde: atualização 2024. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de orientação: saúde de crianças e adolescentes na era digital. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Diretrizes sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para crianças menores de 5 anos de idade. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2019.

CAPÍTULO V - BRINCAR: A LINGUAGEM DA INFÂNCIA (ELAINE CRISTINA NUNES DE OLIVEIRA DORTA; LIGIA MORANDE DO NASCIMENTO; JOSY APARECIDA MAGNANI BONATO)

Brincar: a linguagem da infância

Elaine Cristina Nunes de Oliveira Dorta²

Ligia Morande do Nascimento

Josy Aparecida Magnani Bonato

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de destacar o brincar como a linguagem da infância, ressaltar sua importância e seus benefícios e demonstrar que na Educação Infantil o brincar se torna um valioso aliado no processo de ensino-aprendizagem, já que por meio dele ensinamos os mais diversos conceitos e abordamos uma infinidade de assuntos, sem perder o caráter pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar. Educação Infantil. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Criança adora brincar, a infância é marcada por brincadeiras, então é importante compreender o brincar como a linguagem da infância, linguagem essa desenvolvida de forma genuína e autêntica por cada criança, utilizada muitas vezes como forma de expressão e entendimento do mundo que a cerca. A linguagem do brincar pode ser: livre, mediada, com brinquedos, com intenção pedagógica, em grupo ou solitária. Essa linguagem é caracterizada como um falar não convencional de grande teor expressivo que demonstra sentimentos, inquietudes, medos, vontades, unindo o real e o imaginário, uma maneira fascinante que as crianças usam para se comunicarem com outras crianças e com os adultos.

Na escola, principalmente na Educação Infantil, torna-se ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem. O brincar é uma prática diária que deve ser exercida pelo professor nos diversos momentos de sua rotina, pois favorece interação aluno-aluno, professor-aluno e, se bem aplicado,

² jpelainedorta@gmail.com

torna-se um suporte na avaliação do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Essa linguagem tão presente no cotidiano das crianças marca a infância com suas especificidades trazendo consigo muitas aprendizagens e contribuições importantes para o desenvolvimento integral das crianças.

DESENVOLVIMENTO

O brincar não pode ser considerado apenas como uma atividade associada à diversão, o brincar vai além, é assunto sério e tem grande contribuição na formação de nossas crianças. Ele auxilia no desenvolvimento da linguagem convencional e estruturada, das habilidades motoras, sociais, cognitivas e emocionais e propicia muitos aprendizados. Podemos afirmar que o brincar é uma das formas mais naturais e divertidas de construir conhecimento.

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio (a infância), e, ao mesmo tempo, típico da vida humana como um todo – a vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Ele dá, assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz com o mundo. Ele assegura as fontes de tudo o que é bom. Uma criança que brinca por toda parte, com determinação autoativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado, capaz de autossacrifício para a promoção deste bem-estar de si e de outros. Não é a mais bela expressão da vida da criança neste tempo de brincar infantil? A criança que está absorvida em seu brincar? A criança que desfalece adormecida de tão absorvida? (...) brincar neste tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (KISHIMOTO; PINAZZA, 2008, p. 48-49)

A criança e o ato de brincar estão ligados, um pertence ao outro, muitas vezes se tornam um só, dois mundos inseparáveis. A criança brinca antes mesmo de falar, dessa maneira podemos dizer que a linguagem do brincar é uma forma de expressão, pois quando brinca, a criança constrói afetividade, supera medos, derruba barreiras e mergulha em um mundo de fantasia e imaginação. Como enfatiza Machado (2003),

Brincar é também um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos. Para aprender precisamos adquirir certo distanciamento de nós mesmos, e é isso o que a criança pratica desde as primeiras brincadeiras transicionais, distanciando-se da mãe. Através do filtro do distanciamento podem surgir novas maneiras de pensar e de aprender sobre o mundo. Ao brincar, a criança pensa, reflete e organiza-se internamente para aprender aquilo que ela quer, precisa, necessita, está no seu momento de aprender; isso pode não ter a ver com o que o pai, o professor ou o fabricante de brinquedos propõem que ela aprenda. (MACHADO, 2003, p. 37)

Brincando, as crianças aprendem regras, demonstram suas vontades e necessidades, exploram, investigam, superam desafios e dificuldades, tornam-se mais autônomas, curiosas e criativas. Brincar é um processo constante de construção que auxilia na formação da personalidade. É a linguagem do corpo, uma vez que criança é corpo e movimento o tempo todo. Tudo isso torna o brincar a linguagem mais dinâmica da infância.

O brincar insere a criança em culturas distintas, fazendo-a perceber a grandeza e a importância da diversidade. É a linguagem da infância mais dinâmica, porque, ao brincar, a criança aprende a se conhecer melhor, a fazer, a ser, estar, sentir e conviver, ao mesmo tempo que amplia sua linguagem e seu pensamento, favorecendo e potencializando seu desenvolvimento integral. Como afirma Kishimoto (2010),

[...] o brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimento e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. (KISHIMOTO, 2010, p.1).

O brincar colabora para a construção da personalidade da criança. Ele vai além de um passatempo, de um lazer, de uma diversão, é a linguagem mais dinâmica e complexa da infância, na qual a criança conhece e dá sentido ao mundo ao seu redor, comunica-se consigo mesma, realiza trocas de experiências. Sendo assim, Zanluchi (2005, p. 89) afirma que “Quando brinca, a criança prepara-se a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas.”

Figura 1- Crianças brincando



Fonte: <https://www.saudemais.tv/noticia/42232-brincar-e-importante-porque-estimula-imaginacao-e-criatividade-das-criancas-estudo>. Acesso em: 04/02/2024

BRINCAR EM GRUPO OU SOZINHO

O brincar em grupo é fundamental para o desenvolvimento da socialização, pois ele propicia momentos de interações que promovem a afetividade, reforçam laços de amizade, promovem trocas de experiências que, por sua vez, propiciam o desenvolvimento do senso criativo e crítico.

Figura 2 – Crianças brincando em grupo



Fonte: <https://babyherois.com.br/brincadeiras-infantis-em-grupo/>. Acesso em: 13/02/2023

As crianças aprendem a lidar com frustrações, resolver conflitos, aprimoram as capacidades de cooperação, liderança, argumentação e competição. Brincar em grupo melhora e amplia a comunicação, tornando-as mais seguras, além de ser muito prazeroso e colaborar para a saúde mental e física das crianças. De acordo com Souza (2007),

[...] brincar é indispensável à saúde física, emocional e intelectual da criança. Brincar é um momento de autoexpressão e autorrealização. As atividades livres com blocos e peças de encaixe, as dramatizações, a música e as construções desenvolvem a criatividade [...] (SOUZA, 2007, p. 2)

Já o brincar sozinho pode ser divertido e é muito importante também. É essencial entender que a criança não precisa interagir o tempo todo, que ao brincar sozinha ela se sente livre de julgamentos, usa a imaginação e ganha mais liberdade para criar.

Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, afirma que “a capacidade para ficar sozinho constitui um dos indicadores mais importantes de maturidade dentro do desenvolvimento emocional.” (TEMPO JUNTO, 2020).

Figura 3 – Criança brincando fantasiada



Font

e:https://leiturinha.com.br/blog/?s=o+brincar&et_pb_searchform_submit=et_search_process&et_pb_include_posts=yes&et_pb_include_pages=yes acesso

12/2/2023

Quando brinca sozinha, a criança desenvolve maior autoconfiança e autoestima, aprende a controlar a ansiedade e desenvolve independência social. Ela aprende a gostar da sua própria companhia. O adulto deverá estar sempre por perto e atento, pois é importante que a criança saiba que durante suas brincadeiras solitárias o adulto será sempre seu suporte caso precise de uma ajuda.

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Partindo do princípio que o brincar é a linguagem da infância e a infância tem uma estreita e forte relação com a Educação Infantil, é importante falar do brincar na escola. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz o brincar como um direito de aprendizagem e desenvolvimento presentes na proposta da etapa da Educação Infantil, bem como a brincadeira e as interações são propostos como eixos que devem ser considerados nas práticas pedagógicas.

Segundo a BNCC (2018),

É importante reconhecer, também, a necessária continuidade às experiências em torno do brincar, desenvolvidas na Educação Infantil.

As crianças possuem conhecimentos que precisam ser, por um lado, reconhecidos e problematizados nas vivências escolares com vistas a proporcionar a compreensão do mundo e, por outro, ampliados de maneira a potencializar a inserção e o trânsito dessas crianças nas várias esferas da vida social. (BRASIL, 2018, p. 222)

Neste contexto, podemos dizer que na Educação Infantil acontece o aprimoramento da linguagem do brincar, uma vez que ele passa a ter a intenção pedagógica, sendo um facilitador da aprendizagem das crianças e tendo como mediador o professor. O professor no papel de mediador tem o compromisso de conduzir o brincar de forma comprometida. Saber dosar o brincar com caráter recreativo e o brincar que proporciona experiências educativas é responsabilidade do professor.

É muito comum na Educação Infantil o brincar ser negligenciado, esquecido e também banalizado. O brincar deveria ser reverenciado e praticado diariamente nas salas de aula, porque tem grande importância no desenvolvimento integral da criança.

De acordo com Kishimoto (2001),

Um professor que não sabe e/ou não gosta de brincar dificilmente desenvolverá a capacidade lúdica dos seus alunos. Ele parte do princípio de que brincar é bobagem, perda de tempo. Assim, antes de lidar com a ludicidade do aluno, é preciso que o professor desenvolva a sua própria. A capacidade lúdica do professor é um processo que precisa ser pacientemente trabalhado. O professor que, não gostando de brincar, esforça-se por fazê-lo, normalmente assume postura artificial. Facilmente identificada pelos alunos. A atividade proposta não anda. Em decorrência, muitas vezes os professores deduzem que brincar é uma bobagem mesmo, e que nunca deveriam ter dado essa atividade em sala de aula. A saída desse processo é um trabalho mais consistente e coerente do professor no desenvolvimento de sua atividade lúdica [...] (KISHIMOTO, 2001, p.122,).

O professor precisa ter um olhar diferenciado para o brincar, mudar sua postura e ter ações mais efetivas. É essencial praticar em sua rotina e ter em seu planejamento momentos para o brincar por brincar, o brincar livre para as crianças criarem e imaginarem, o brincar dirigido com regras e comandos, o brincar aliado com a prática pedagógica aliado a conceitos, temas e assuntos pertinentes à idade. Observador, facilitador, mediador participante ativo nas brincadeiras são papéis distintos que o professor deve assumir na prática do

brincar, atitudes essas que proporcionam momentos únicos para as crianças e enriquecem ainda mais a prática pedagógica.

Figura 4 - Professora e alunos brincando



Fonte: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2263/de-baba-a-professora-a-evolucao-da-educacao-infantil->. Acesso em: 13/02/2023

Os adultos que trabalham e brincam com crianças têm, portanto, um papel importante na tomada de decisões sobre a didática apropriada e os ambientes para brincar. Eles precisam levar em conta as disposições e a autoestima das crianças, baseando-se em sua diversidade de legados e experiências culturais, reconhecendo que as crianças são aprendizes capazes e confiantes, assim como valorizando as novas experiências que elas trazem todos os dias. (BROCK, 2011, p. 6).

Educação Infantil é experimentar, é vivenciar. Brincar é imaginar, criar, misturar imaginário e real, e respeitando tudo isso atingimos e adquirimos uma diversidade de habilidades cognitivas e sociais. O professor é o grande maestro que deve conduzir o brincar de forma criativa e respeitosa. Dessa maneira, grandes avanços e grandes conquistas acontecerão, sem perder a leveza e a ingenuidade da infância.

Criança precisa brincar, através do brincar ela se desenvolve, interage, constrói pensamentos, reconhece-se. Quando a criança inicia sua vida escolar na Educação Infantil, tudo é novo e angustiante. A separação dos pais, ambiente estranho e o professor como alguém desconhecido tornam o brincar uma ferramenta valiosa, o suporte pedagógico que introduz a criança nesta nova rotina para aos poucos ela ir conquistando seu espaço, tornando-se mais segura e confiante, e o professor se torna seu parceiro mais experiente nas brincadeiras.

CONCLUSÃO

O brincar é a linguagem da infância, é direito de toda criança, traz inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral, pois aprimora as capacidades afetivas, emocionais, sociais, motoras e cognitivas das crianças. Faz aflorar a imaginação e a criatividade, constrói e desconstrói mundos reais e imaginários.

Toda criança é única e especial, cada uma com seu jeito de ser e de experimentar novos desafios, por isso o brincar se torna uma ação simples, espontânea, extremamente necessária e importante no cotidiano infantil. Ao brincar, a criança cria, mesmo que inconscientemente, uma projeção do seu futuro, visto que imaginando e brincando transita por inúmeras profissões, realiza viagens imaginárias, experimenta emoções, conhece e conquista o mundo.

Ao iniciar sua vida escolar, ingressa na Educação Infantil, esta é a primeira etapa da educação básica, um espaço que une o brincar com o aprender. Na Educação Infantil o professor é o mediador e facilitador desse complexo e rico processo, brincar se torna suporte e ferramenta valiosa do professor no processo de ensino-aprendizagem. Facilita a rotina, enriquece conteúdos, favorece a interação e transforma a prática pedagógica, prática essa que deve ser baseada no respeito

Ao adotar o brincar como a linguagem mais expressiva e efetiva da Educação Infantil, o professor garante às crianças o direito de uma infância feliz.

O brincar deve ser prioridade da infância, uma forma de cuidar, que ensina e transforma o mundo de nossas crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BROCK, A. **A importância do brincar na infância**. Pátio Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed, ano 9, n. 27, abr/jun 2011, p. 4 -7.

CAMARGO, P. **A importância do brincar- 7 benefícios para seu filho quando ele brinca sozinho**. Tempo Junto, 2020. Disponível em: <https://www.tempojunto.com/2020/04/23/brincar-sozinho-contribui-para-o-amadurecimento-do-seu-filho/>. Acesso em: 10.fev.2024.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LEITURINHA. **A importância de deixar sua criança brincando sozinha**. Leiturinha, 2023. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/a-importancia-de-deixar-seu-pequeno-brincar-sozinho-tambem/#:~:text=Brincar%20sozinho%20tamb%C3%A9m%20%C3%A9%20importante%20e%20divertido&text=Algumas%20vezes%2C%20o%20importante%20%C3%A9,sobre%20autoconfian%C3%A7a%2C%20autoestima%20e%20seguran%C3%A7a/>. Acesso em: 6.fev.2024.

MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**. Edições Loyola, 2003.

NEUROSABER. **A importância do brincar na Educação Infantil**. Neurosaber, 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/a-importancia-do-brincar-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 04.fev.2024.

SANTOS, D. G. dos. **O direito de brincar**. Ipa Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.ipabrasil.org/post/o-direito-de-brincar>. Acesso em: 29.jan. 2024.

SOARES, L. C. **O brincar na educação infantil: enunciações docentes em um contexto de formação continuada**. – Vitória, ES : Edifes, 2021._

TIZUKO M.; PINAZZA, M. A. (orgs.). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2008.

UNIREWORKERS. **A importância do brincar para as crianças**. Unireworkers, 2020. Disponível em: <https://www.unireworkers.com/a-importancia-do-brincar-para-as-criancas/>. Acesso em: 6.fev.2024.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.

**CAPÍTULO VI - O PAPEL DA FORMAÇÃO DOCENTE NO
DESENVOLVIMENTO DO ENSINO – APRENDIZAGEM DO
ALUNO NAS SÉRIES INICIAIS (MARIA VERÔNICA QUIRINO DA
SILVA; MARIA ALEXANDRA SANTOS DE SOUZA; ALINIELLE
DE LIMA; GIRLENE DE AMORIM JESUS; TACIANA QUIRINO DA
SILVA)**

O papel da formação docente no desenvolvimento do ensino – aprendizagem do aluno nas séries iniciais

Maria Verônica Quirino da Silva³

Maria Alexandra Santos de Souza

Alinielle de Lima

Girlene de Amorim Jesus

Taciana Quirino da Silva

RESUMO

É essencial que ocorra a formação para professores, para que o desenvolvimento educacional aconteça. Infelizmente no Brasil os desafios enfrentados por esses profissionais são gigantescos. Há a necessidade de uma educação contínua que aperfeiçoe suas habilidades e valorize e reconheça sua importância dentro da sociedade. Apesar de existir inúmeros professores formados, o Brasil continua enfrentando problemas significativos na educação. Para que haja melhoria na qualidade de ensino, é essencial investir em uma formação contínua e transformadora, que os prepare para serem agentes de mudanças eficazes. A formação continuada desempenha papel fundamental na qualificação do processo de ensino e aprendizagem, ao favorecer práticas pedagógicas mais reflexivas, contextualizadas e centradas nos alunos. Ao participar de processos formativos significativos, o professor amplia sua capacidade de analisar os desafios cotidianos em sala de aula, promovendo uma aprendizagem mais inclusivas e significativas.

Palavras-chave: Formação, Professor, alunos, ensino, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Apesar do alto número de professores formados anualmente, a realidade educacional no Brasil permanece preocupante. Esta situação nos leva a refletir sobre os motivos dessa problemática persistente, mesmo com a abundância de profissionais na área. Um dos principais desafios identificados é a qualificação insuficiente dos professores, tema que continua a ser debatido intensamente.

A formação não é finita, sendo a formação continuada essencial para responder aos desafios da sala de aula. Ela garante que o professor não

³ Professora de Educação Básica na rede municipal de Nova Olímpia – Mt, pós-graduada em psicopedagogia |Clínica e Institucional, mestranda em Intervenção psicológica no Desenvolvimento e na Educação. e-mail: veronica_qs@hotmail.com

apenas repasse conteúdo, mas proporcione o desenvolvimento pleno das crianças, alinhado à BNCC.

Nessa perspectiva, Rodrigues (2017, p.12), aborda a importância de relacionar os aspectos do cotidiano, desafios e necessidades da sociedade e a formação do professor, e salienta que “[...] o modo como se conceptualiza o professor e o ensino decorrem da perspectiva da sociedade tem, em cada momento, do que é a escola e do seu papel social, e tem influência direta no modo como se pensa e organiza a sua formação profissional”. Os valores dos alunos devem ser reconhecidos, bem como suas culturas, seus saberes, o que levará o professor a conhecer o perfil de seus educandos e considera – lós como ponto de partida para o planejamento de ações e didáticas pedagógicas.

Os cursos de formação de professores dos anos iniciais, Pedagogia e educação especial, buscam preparar os futuros educadores para atuar nas diversas situações decorrentes do ambiente escolar, todavia esses cursos não conseguem prover todos os desafios impostos por uma sociedade que se encontra em constantes transformações.

Sendo assim, é indispensável a formação continuada do educador, as deficiências pedagógicas e curriculares inerentes ao processo de formação desses profissionais da educação devem -se muitas vezes a falta de políticas públicas eficientes voltadas para essa categoria. Políticas capazes de contemplar toda dinâmica educacional vinculada com esses fundamentos teóricos e práticos.

A formação do professor nas series iniciais é o alicerce para mediar a alfabetização, o letramento e o desenvolvimento cognitivo/social, sendo crucial para transformar o docente em um agente reflexivo, capaz de planejar praticas ativas e atender as demandas da BNCC. Ela capacita o educador a ser um mediador da aprendizagem, transformando o aluno em protagonista.

É fundamental desenvolver políticas públicas voltadas para os futuros professores, onde possam ser formados como intelectuais, para que a partir desta, adquiram uma visão crítica de mundo, sendo capazes de atuarem como protagonistas de “fazer” pedagógico numa sociedade em constantes mudanças.

A escola e demais órgãos públicos e educacionais devem optar por programas e projetos que possam contribuir para a formação continuada, principalmente incentiva os educadores desde o processo de formação, garantindo assim, um aproveitamento satisfatório para o provimento da sua ação pedagógica, como também socializando experiências que permitam a troca de conhecimentos.

No entanto, os futuros e atuais profissionais da educação precisam rever o que constitui o fundamento de sua prática e os novos métodos propostos pela educação bem como, meios de conhecer e de relacionar – se com o conhecimento e com os aprendizes.

Libânio (2011), considera que o professor de formação precisa favorecer ao professor requisitos que promovam o saber pensar em sua própria prática, de maneira a se preparar para atuar em sala de aula. Dessa forma, proporcionará aos alunos incentivos á reflexão diante daquilo que é trabalhado.

O processo formativo do professor requer a obtenção de conhecimento teóricos e prevê a qualificação constante em busca do desenvolvimento profissional (Nascimento; Silva, 2022). E esta formação é constituída durante e desenvolve durante toda a carreira profissional, na qual o professor se prepara e desenvolve habilidade e conhecimentos através de aportes teóricos metodológicos para atender asa demandas exigidas no dia a dia da sala de aula (Neto; Pessoa; Caldas; 2024)

DESENVOLVIMENTO

Segundo Melo (2007, p. 21), a formação de professores não é parte da solução, e sim parte do problema de qualidade da educação básica”. No que se refere as competências profissionais e habilidades básicas deve haver total preparação dos que regem os cursos de formação de professores, pois são seus método e técnicas que preparam o educador do amanhã.

As competências e habilidades essenciais para o professor dos anos iniciais do ensino fundamental, incluem:

- ❖ o desenvolvimento de competências socioemocionais para a gestão eficaz da sala de aula.
- ❖ o domínio de metodologias didáticas e pedagógicas para atender às diversas necessidades dos alunos,
- ❖ O entendimento dos conhecimentos teóricos fundamentais como a psicologia do desenvolvimento infantil e as teorias da aprendizagem,
- ❖ Habilidades práticas e aplicadas no planejamento e organização do currículo e no uso de recursos e tecnologias educacionais.

Estas áreas são cruciais para a formação de professores capazes de proporcionar uma educação de qualidade e de promover o desenvolvimento integral de seus alunos.

O desenvolvimento de competências socioemocionais é importante para a formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, pois essas habilidades impactam diretamente a qualidade do ambiente de aprendizado.

Uma gestão eficaz de sala de aula envolve técnicas e estratégia que criam um ambiente positivo e inclusivo, onde todos os alunos se sentem valorizados e motivados a participar ativamente. Segundo De Oliveira (2019) Os aspectos socioemocionais são cruciais porque ajudam os indivíduos a perseguirem seus objetivos, tomarem decisões consciente e traçarem metas. Eles também fomentam a resiliências em situações adversas, permitindo que as pessoas desempenhem um papel ativo e central no seu próprio desenvolvimento. Desta forma, tanto os professores, quanto os alunos, se tornam protagonistas de sua jornada de crescimento pessoal e profissional. Para isso, os professores do ensino fundamental I precisam ser capazes de estabelecer regras claras e justas, promover a colaboração entre os alunos e resolver conflitos de maneira construtiva.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM

A mediação pedagógica torna -se uma premissa cada vez mais urgente. É por meio dela que será possível obter o engajamento dos alunos, que

precisam identificar no ambiente escolar um lugar propício para o desenvolvimento de habilidades e da criatividade.

Essa mudança de atitudes e comportamento do profissional da educação faz com que o processo de ensino e aprendizagem ajude também na resolução de inúmeras questões e problemas vividos no cotidiano. Por essas e outras razões, o papel do professor mediador será essencial para despertar o interesse de crianças e adolescentes por meio da combinação de interação, mediação e motivação, pois esse é o caminho para ele, de fato, fazer parte da vida dos alunos.

A capacidade do professor mediador estimular o aluno a se apropriar das suas próprias experiências e conhecimentos faz toda a diferença. Essa nova postura, além da autonomia, permite que os alunos desenvolvam um senso de responsabilidade maior.

Envolver o aluno nas atividades de sala de aula vem sendo um desafio constante para muitos professores. Assim entendemos que o processo de aprendizagem é considerado como resultado da ação do aprendiz e se este não acontece expressivamente, verifica-se que a ação pedagógica de fato não aconteceu. Daí cabe ao professor, criar situações de aprendizagem onde o aluno possa participar de maneira interativa e que faça sentido para ele, todo esse processo cognitivo. Nesse contexto, o educador precisa estar preparado para lidar com adversidade com a qual se depara no contexto educacional. Caso contrário, não cumprirá o seu verdadeiro papel de educar para a cidadania, para enfrentar as adversidades do mundo contemporâneo. Educar vai muito além da transmissão do conhecimento, muda histórias e saberes.

Técnicas como o uso de reforços positivos, a implementação de rotinas diárias estruturadas e a adaptação de abordagens pedagógicas às necessidades individuais dos alunos são fundamentais para manter a ordem e o engajamento. Além disso, a promoção do engajamento dos alunos requer que os professores desenvolvam a capacidade de entender e responder às emoções e comportamentos dos estudantes. A inteligência emocional é essencial para reconhecer sinais de desmotivação, frustração ou ansiedade, permitindo que o professor intervenha de maneira apropriada. Estratégias como o uso de círculos de diálogo, a prática da escuta ativa e a criação de um

ambiente de confiança e respeito mútuo ajudam a fortalecer a conexão entre o professor e os alunos, favorecendo um clima de sala de aula mais harmonioso e produtivo. Com essas competências, os professores não apenas facilitam a aprendizagem acadêmica, mas também contribuem significativamente para o desenvolvimento emocional e social das crianças, preparando-as para enfrentar os desafios futuros.

Na teoria de Vygotsky, o aprendizado não ocorre de forma isolada, mas é mediado por interações sociais.

O professor, nesse contexto, assume um papel central como mediador, facilitando o processo de aprendizagem dos alunos ao guiá-los na resolução de problemas e construção de conhecimentos. O objetivo principal do professor mediador é ajudar os alunos a avançarem em sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é a distância entre o que a criança pode fazer sozinha e o que pode realizar com ajuda. O professor mediador utiliza a mediação intencional para tornar o aprendizado mais acessível e significativo. Ele oferece o suporte necessário para que o aluno consiga progredir, mas gradualmente retira esse suporte conforme o aluno ganha autonomia. Esse processo é conhecido como **scaffolding** ou “**andaimes**”, que são montados temporariamente até que o aluno seja capaz de construir sozinho.

Ao oferecer desafios adequados ao nível de desenvolvimento de cada aluno, o professor estimula o crescimento cognitivo e garante que o aprendizado seja significativo.

Ao valorizar o protagonismo do aluno, o professor mediador incentiva o desenvolvimento de competências importantes para a vida, como a **autonomia**, a **resolução de problemas** e a **capacidade de trabalhar em equipe**.

O ALUNO COMO PROTAGONISTA DO APRENDIZADO

Afinal, o que é um aluno protagonista? é aquele que tem papel ativo e participativo em seu processo de aprendizagem. Em vez de apenas receber conhecimento de forma passiva, o estudante se envolve na construção do

conhecimento, participando de debates, colaborando com colegas, aplicando o que aprendeu e assumindo responsabilidade pelo próprio progresso educacional.

As atividades que incentivam o protagonismo, como projetos de pesquisa independente, simulações de situações da vida real e debates sobre questões atuais, despertam o interesse dos alunos e promovem o desenvolvimento de habilidades essenciais para o seu futuro.

A chave para desenvolver alunos protagonistas começa com a adoção de uma **aprendizagem ativa**. Essa abordagem não apenas envolve transmitir conhecimento, mas também engajar os alunos como participantes ativos em seu próprio processo educacional.

O protagonismo coloca o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem e **ênfatiza sua autonomia**, permitindo-lhe desenvolver habilidades importantes, como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração. Além disso, o aluno protagonista não está sozinho nesse processo; ele trabalha em conjunto com seus colegas e recebe orientação e suporte dos professores, que atuam como mentores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação da aprendizagem segundo a teoria de Vygotsky, coloca o professor em papel central, mas não como uma figura autoritária, e sim como um facilitador e guia no processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Por meio de estratégias como o trabalho colaborativo, perguntas reflexivas, o professor ajuda os alunos a avançarem em suas **ZPDs** e a desenvolverem competências que vão além do conteúdo acadêmico.

Com a mediação adequada, o aluno não só aprende o conteúdo, mas também desenvolve habilidades críticas para o seu desenvolvimento como um todo, tornando-se um protagonista ativo em seu processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL revistaft.com.br/a-formacao-do-professor-

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – ISSN 1678-0817 Qualis/DOI

CALDAS, Iandra Fernandes; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Memória, formação e desenvolvimento profissional docente: construindo aprendizagens ao longo da vida. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-25, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v25i1.7784>.

NASCIMENTO, Adrianne Fernandes do; SILVA, Vera Lúcia Reis da. A formação continuada para o desenvolvimento profissional docente: perspectivas a partir de experiências com o ensino remoto. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, e572111134163, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i11.34163>.

SANTOS, Francisco das Chagas Moraes dos *et al.* Formação continuada do professor da educação regular: caminhos para inovação. **Aurum Editora**, cap. 9, p. 104-110, 2025. DOI: <https://doi.org/10.63330/aurumpub.020-009>.

Livro digital:

ISBN 978-856866957-0



Livro impresso:

ISBN 978-856866956-3

